REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1025

20 DE JUNHO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Chronica Occidental

São quatro horas da tarde de hoje 19, quando este numero do OCCIDENTE já devia estar na machina, manda-nos dizer D. João da Camara, por um de seus filhos, que o seu estado de saude não lhe permitia escrever a cronica. Assustados com a má noticia, inquirimos da gravidade da doença do nosso querido amigo e companheiro de trabalho de tantos annos, sabendo então que ha uns tres dias se lhe tinha agravado a bronquite de que sófre, vendo-se obrigado a guardar uma dieta que mais o tem enfraquecido não lhe permitindo o trabalhar.

Fazendo votos pelo seu breve restabelecimento, encontramo-nos á ultima hora sem cronica e mal impressionados pelo motivo desta falta, sem ser facil remedial-a assim de improviso, a não ser com os nossos parcos recursos.

Sem pretenções a cronista, e muito menos neste momento em que a politica trasborda por todos as taças de *champagne* dos ultimos banquetes, não temos outro remedio que meter mãos á obra. Para grandes males, grandes remedios.

Sahimos para a rua em busca de novidades. No ar um certo bulicio que implica com os nervos; os rapazes dos jornaes correm em todas as direções apregoando as folhas da noite, que o publico compra e lê á luz dos candieiros ou á porta das lojas.

Alguma vêz o publico hade lêr!

Ao primeiro amigo que se nos depara perguntamos o que ha de novo.

— A viagem ao Porto do sr. presidente do conselho.

— E então?

— Um triumfo segundo os franquistas; um desastre, segundo as oposições.

— Mas a verdade?

— Dificil de apurar neste momento, no meio das noticias contraditorias que correm ao sabor das paixões dos que as propalam.

Não adeantámos nada com o encontro, e visto não termos ido ao Porto, convencemo-nos da impossibilidade de informar os leitores sobre o grau de calor a que subiram ou desceram as manifestações feitas ao sr. presidente do conselho, na cidade invicta.

A expedição militar ao Sul de Angola

PARTIDA DA COMPANHIA DE INFANTERIA DE MARINHA — O EMBARQUE NO ARSENAL
(Cliché Benoliel)

Calor sempre haveria algum na capital do norte, ainda que outro não fosse que o produzido pelo banquete de 1:500 talheres, ás horas do *dessert* quando as libações de *champagne* afoguearam as faces e exaltaram os espiritos.

Calor houve-o tambem em Lisboa além daquelle que o termometro marcou em a noite de hontem. Que o digam aquelles que foram para o Rocio esperar o sr. presidente do conselho. Eu não me encontrei lá, felizmente, mas por baixo das janélas do meu gabinete de trabalho, senti passar, ás 11 horas da noite, a bom galope um esquadrão de cavalaria.

O Rocio não foi precisamente o campo de Waterloo, mas teve o seu Napoleãosinho num chefe qualquer da policia a mandar acutilar o povo, que é sempre quem paga as favas das contendas politicas, e o peior é haver já uma morte a lamentar, a do commerciante José Braga, que passava na praça de D. Pedro, quando a bala de um revolver da policia o varou no peito, indo ainda cravar-se no mostrador da loja de ferragens, á esquina da calçada do Duque.

Feridos mais ou menos gravemente foram levados ao Hospital de S. José, e outros pensados na farmacia Estacio pelos srs. drs. conselheiro Moreira Junior e Ravara.

Quando outros motivos não houvesse para a inóportunidade da viagem do sr. presidente do conselho ao Porto, estes tristes acontecimentos, mais ou menos de prever no meio da exaltação politica que atravessamos, seria o bastante para adiar essa viagem para melhor ocasião.

Na estação do Rocio vimos os sinaes da luta. Vidros partidos pelas pedradas do povo contra a policia e guarda municipal, e outros furados por balas da força armada. No café Martinho, onde chegou a armar-se barricada, vidros quebrados tambem, e nas humbreiras das portas sinaes de balas.

Diz-se que ha algumas duzias de prisões, mas não se sabe o numero ao certo á hora que escrevemos.

Tudo isto tem produsido a politica nos ultimos dias e não é facil prever até onde a paixão arrastará os homens, nesta serie de conflitos que tem vindo sucedendo-se.

Pois já bastavam estas calamidades que tem sucedido com uma frequencia pouco vulgar, de desastres, crimes, incendios, descarrilamentos que sei eu.

Ainda ha poucos dias outro grande incendio, tão pavoroso como o da rua da Magdalena, destruiu umas poucas de habitações e uma fabrica, na praça do Municipio e rua de S. Silvestre, na Covilhã. Tambem neste incendio houve vitimas: duas mortes e alguns feridos, suspeitando-se que o fogo fosse posto. Os prejuizos materiaes elevam-se a uns 60:000$000 de réis.

Se sahimos da politica para dar noticias destas, não conseguimos alegrar o espirito com alguma coisa que mais o console.

Ainda á politica nos temos de referir falando do comicio de Santarem, com que os republicanos vão fazendo sua carreira. Depois dos discursos tambem houve banquete, pelo quê, se vê, que a politica é companheira inseparavel das comesainas, do que, emfim, de ha muito, muitos se queixam, e já agora não ha que emendar o mundo.

Se em vez de escabicharmos mais na politica, falassemos de rosas e cravos, com suas vivas côres e rescendente perfume?

E que lindas e lindos se apresentaram no Atheneu Commercial. Um encanto de amadores, e de todos que lá foram, porque, emfim, quem é que não ama as flôres, ainda que eu conheci uma senhora que não gostava de musica, e dizia que só apreciava a do Ceu. Julgo, porém, que nunca a teria ouvido, assim como qualquer de nós.

Se a musica é o encanto dos ouvidos, as flôres são o encanto dos olhos, e não é preciso ser poeta para amar uma e outras, basta ouvir e vêr com a perfeição destes dois sentidos.

De poetas tratou a Academia Real das Sciencias, na sessão real que celebrou no domingo 16 do corrente. A' sessão presidiu El-Rei, e foram lidos os elogios historicos de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos e Antonio de Serpa Pimentel, feitos respetivamente pelos srs. Dr. Teixeira de Queiroz e Christovam Ayres.

Não se pode dizer que a homenagem fosse muito a tempo, visto que o primeiro dos elogiados morreu em Paris ha uns 30 annos, e o segundo ha mais de uma duzia; mas, emfim, mais vale tarde do que nunca nesta terra do amanhan.

Outra exposição temos ainda a que nos referir, a de ceramica artistica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, o filho do grande artista que vae honrando, com seu trabalho e arte, a memoria do pae querido.

Hontem se inaugurou a 1.ª sessão do Concurso Hippico Nacional, na Tapada da Ajuda. A elle assistiram suas magestades e altezas, no meio de grande concorrencia de publico que enchia o recinto reservado, ocupando as tribunas muitas senhoras que abrilhantavam a festa. O primeiro premio das provas de hontem, um arreio completo á inglesa, ganhou-o o sr. Jara de Carvalho, os 8 premios, laços de fita, competiram aos srs. marquês de Bellas, André Reis, Callado, Velloso, Constancio, Ramos, Almeida e Alves.

Os creadores de solipedes já tem agora um estimulo para aperfeiçoarem as raças, e lá concorreram em numero de quarenta e oito.

Mais exposições se annunciam para breve, como a de fotografias, emquanto outras fecharam, como a de aves.

Por isto se vê que a politica, não tem absorvido toda a vitalidade do país, e ainda bem, para que possamos, emfim, respirar um bocadinho, uma atmosfera mais lavada de ar sadio.

Vae-se falando na viagem do Principe Real ás Colonias, e para ella se está preparando convenientemente o vapor *Africa* da Empresa Nacional de Navegação.

É uma viagem pacata, como se vê, neste vapor de carreira, que deve sahir para a Africa Oriental no dia 1 de julho.

Acompanhando Sua Alteza vae o ministro da marinha sr. conselheiro Ayres de Ornellas, que conhece a Africa como os seus dedos, desde que por lá andou nas campanhas do Gungunhana.

Por muito boa ideia que Sua Alteza possa fazer do nosso imperio ultramarino, nada chega como vêr com os proprios olhos.

Assim melhor poderá avaliar quanta riqueza tem andado e anda ainda despresada neste país, que poderia fazer a inveja do mundo.

O primeiro porto a que se dirige é o de S. Thomé, onde preparam festas para receberem Sua Alteza, nos tres dias que ali se demora e em que percorrerá as principaes roças da rica e formosa ilha. Depois segue para Loanda, onde tambem lhe preparam festiva recepção. Vae a Lourenço Marques e na volta visita Cabo Verde.

É uma viagem circulatoria que demora dois mezes, mas que será para o joven principe a uma viagem de instrução, de que pode resultar grandes beneficios para as colonias e para a metropole.

Os nossos votos são de que vá e regresse em bem, como afinal serão os votos de todos os portuguêses.

Que, pelo menos, estas fagueiras esperanças, desterrem tantos azares que nos perseguem.

CAETANO ALBERTO.

O REI DE THULE

(GOETHE)

Um rei em Thule houve outr'ora,
A quem a mulher que amou,
Ao morrer, como lembrança,
Massiça taça deixou.

Nada mais caro lhe era,
Sempre á mesa a esvasiava;
N'ella os olhos se lhe iam,
Quando por ella libava.

E ao soar da hora extrema,
Os seus dominios contou:
Legados todos ao herdeiro,
Só a taça, a não legou.

A' banca real sentado,
Com os seus guerreiros a par,
Ei'-lo, na sala avoenga,
No seu paço, á beira-mar.

Erguendo-se, o velho antiste,
Pela ultima vez libou,
E a augusta taça, em seguida,
Ao fundo do mar lançou.

Viu-a cahir, mergulhar,
P'ra o fundo seguir derrota....
Os olhos, então, fechou-os:
Nunca mais, nem uma gotta.

ALEXANDRE FONTES.

A expedição militar ao Sul de Angola

Vae para tres annos, em 27 de setembro de 1904, que as armas portuguêsas sofreram no Humbe um revez importante perdendo uns dusentos e sessenta homens entre oficiaes superiores e inferiores, e soldados da guarnição da provincia de Angola e indigenas, em um recontro com os cuamatas.

Desde logo o governo português resolveu castigar a audacia daquelles povos e vingar a morte dos que ali se sacrificaram pela patria, na sagrada missão de manter o prestigio da nossa bandeira e de assegurar a ordem e garantir o comercio daquelle país.

Pensou-se então em enviar ao sul da provincia de Angola uma expedição de uns cinco mil homens com todo o material de guerra correspondente, e nem menos seria preciso para bater os cuamatas e os cuanhamas, povos dos mais inteligentes da Africa, valentes e aguerridos, podendo armar quarenta a cincoenta mil homens com boas armas fornecidas pelo comercio allemão da colonia visinha, e que por signal os allemães já as experimentaram, na guerra que ali tem tido que sustentar com os indigenas, a qual lhe tem custado algumas expedições, que ascendem a uns dose mil homens.

Pensou-se, dissémos, e chegou até a principiar a preparar-se essa expedição, mas a prudencia e boa economia aconselhou melhor o governo, que mudou de proposito, pre erindo antes ir ocupando o país por partes e estabelecendo postos militares que assegurem a ocupação de todo o territorio, que é vastissimo, e cujos habitantes por diferentes vezes tem manifestado sua rebeldia ao dominio português.

Bem avisado andou o governo então, presidido pelo sr. Hintze Ribeiro, pondo de parte a ideia da primeira expedição, economica e humanamente arriscadissima, tratando se de povos tão rebeldes e internados a mais de 200 leguas da costa, sem meios de transporte, sem mantimentos, sem agua, sendo, emfim, preciso levar tudo, atravez de regiões por desbravar.

Um caminho de ferro poderia ainda resolver esta dificuldade quasi insuperavel e para isso iniciou-se a linha ferrea de Mossamedes, mas por melhor que os trabalhos seguissem, não chegaria aos Cuamatas antes de uns dez annos.

A ocupação militar do país dos cuamatas e cuanhamas deverá efétuar-se por duas linhas de penetração por onde se devem ir estabelecendo os postos militares. A primeira linha seguirá do Humbe, atravessando o Cuanhama, o Cuangar, o Disico até chegar ao Cuando, fronteira portuguêsa. A segunda linha, principia no forte da Princesa Amelia e irá pelo Menongue, Quiriri até o Cuito e terras a leste.

Para essa ocupação, organisou-se uma columna de operações composta de: Commando e estado maior; um pelotão de sapadores 40 homens; uma bateria de artilharia com material Erardt e Canet; duas companhias europeias da provincia, a 210 homens cada uma; uma companhia organisada com praças do batalhão disciplinar de Angola; uma companhia de infantaria 12 do exercito do reino com 250 homens; uma companhia de infanteria de marinha; a cada uma destas cinco companhias é distribuida uma metralhadora; a 14.ª, 15.ª, 16.ª e 17.ª companhias de indigenas a 209 homens cada uma; uma companhia de indigenas de Moçambique; a 2.ª companhia mixta é a 19.ª indigena para guarnecer os postos da margem direita; dois esquadrões de dragões a 155 homens cada um; serviços auxiliares; viaturas, etc.

Para as operações desta columna adotou-se uma linha de *étapes* estudada pelo capitão de estado maior sr. João de Almeida, na estensão de 500 metros desde Mossamedes até ao Cunene e cerca de 300 metros desde o Lubango, atravessando o sertão em grande parte de territorio inimigo. Esta linha tem sua primeira base de *etápes* em Mossamedes, Lubango e Chibia, com depositos de material de guerra, ferramentas e comestiveis. A partir do Lubango são estabelecidos dose postos de *etápes*: Huilla, Chalungo, Quihita, Biriambundo, Cachana, Binguiro, Cavallána, Bua Chifinda, Mabera, Mutucua, Tuandiva e Catequero, variando as distancias entre estes postos de 14 a 23 kilometros, e havendo em todos depositos de comestiveis, agua, quando a não haja dos rios, alojamentos para a guarda e para doentes, padaria e fornos para 600 rações, etc.

Por esta breve noticia pode se fazer ideia da importancia da columna de operações contra os cuamatas, de que faz parte a expedição que partiu de Lisboa nos primeiros dias deste mez.

A primeira parte dessa expedição, ou seja a for-

mada pela companhia de infantaria, seguio no dia 1 do corrente a bordo do vapor *Lusitania* da Empresa Nacional de Navegação. Essa companhia do corpo de fnfanteria 12 é commandada pelo capitão sr. Francelino Pimentel, tendo por subalternos os srs. tenentes Beirão e Figueiredo e alferes Passos e Bicudo, com 250 praças. Esteve na escola pratica de infanteria, em Mafra, durante 35 dias, exercitando-se diariamente, em tiro, de segurança, marcha e estação, armação de tendas, tatica aplicada, simulacro de assalto a embala, ou fortalêsa indigena, etc.

No exercicio de tiro foram apurados 78 atiradores de 1.ª classe e 150 de segunda.

Sua Magestade El Rei D. Carlos visitou a companhia e mandou elogial-a na ordem «pelo bom estado de atavio, asseio e rigorosa firmesa», em que a encontrou.

A segunda parte da expedição, composta de uma companhia de infanteria de marinha, partiu no dia 6 do corrente a bordo do transporte de guerra *Africa*. Esta companhia vae commandada pelos srs. 1.º tenente Victor Leite Sepulveda e 2.ºs tenentes Teixeira Marinho, Costa Rego e Alvaro Martha.

No transporte *Africa* embarcou tambem bastante material de guerra e outro, com destino á columna de operações, constando de tendas-abrigos, foguetes de sinaes, armões, suportes, leitos, cantinas, cosinhas, instrumentos de cirurgia e de veterinaria, macas para transporte de doentes, etc.

Os expedicionarios mostravam ir satisfeitos, e até entusiasmados, assistindo ao embarque dos primeiros o sr. ministro da guerra, que lhes fez uma fala recordando-lhe o valor nunca desmentido do soldado português e a defeza da integridade da patria que iam manter.

Tambem ao embarque do segundo troço da expedição assistiu o sr. ministro da marinha, alem da oficialidade da armada, fazendo sua ex.ª uma fala aos marinheiros, que sempre tem sabido honrar as gloriosas tradições da marinha portuguêsa.

Que em boa hora vão os nossos soldados desafrontar as armas portuguêsas e vingar a morte dos que pela patria morreram na embuscada de 27 de setembro da 1904.

Pelas nossas provincias e ilhas

IV

O problema historico da Cava de Viriato

Apresentando no artigo antecedente (III) a hypothese de que o primitivo entrincheiramento é original d'uma civilisação indigena, não se vá supor que pretendemos remontar esta obra ás tribus neolithicas: os *campos entrincheirados* — tipo de Lyceia — d'estas tribus, eram estabelecidos em plan'altos proprios para a defesa por meio de penedos rolados nas encostas. Nem tampouco, volvidos seculos sobre aquellas construcções, nos reportamos aos *montes fortificados* do tipo de Castro Verde, Colla, Almodovar, e tantos outros dos tempos proto-historicos (Veja-se: *Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* pag. 68 e 271 por Mr. Cartaillac; e *Paleonthologia portugueza* — II — do sr. Ricardo Severo). Nada d'isto. Os campos entrincheirados construidos de terra e nas planicies, devem pertencer a um periodo historico posterior aos d'aquell'outros.

Em França, desde 1862, tem-se reconhecido que os circumvallos de terra *(enceintes de terre)* não são em geral campos romanos, como erradamente era opinião corrente, mas sim pre-romanos.

«Sobre mais de 400, circumvallos ou campos, 60 sómente conservam vestigios da ocupação romana, o que não prova ainda assim, que sejam campos romanos; 300 campos proximamente, não conservam vestigio ou signal algum d'uma occupação qualquer.»

Assim dizia já em 1876, Alexandre Bertrand, no seu livro: *«Archéologie celtique et gauloise.»*

Ora, assim como a tradicção dos «Campos de Cesar», da antiga Galia, vai cedendo em parte, resultado d'um estudo mais exigente e rigoroso, aos campos gaulezes, entre nós julgo, por identidade de rasões, se deve reconhecer que alguns campos d'abrigo ou defensivos foram erguidos pelos naturaes da região.

Concluindo: o entrincheiramento da Cava parece-nos ter tido por origem uma obra semelhante e rudimentar dos lusitanos na epoca pre-romana; estes toscos muros, naturalmente foram ora aproveitados ora destruidos por uns e outros dos belligerantes no largo periodo das guerras luso-romanas; finalmente essa obra foi em parte renovada e ampliada pelos vizienses no seculo XI.

*

— «Conjecturas,» — commentará para si o leitor, indiferentemente, se não desdenhosamente, passando a leitura mais substancial.

— Nada oporei da minha lavra, ao seu modo de ver. Se esta conjectura for julgada verosimil, já não ficarei descontente de todo. Apenas, com a devida venia, recordarei este conceito d'Oliveira Martins:

«Se as affirmações são, com efeito, sempre temerarias em materias tão pouco susceptiveis de verificação, as inducções prudentes são, comtudo, mais do que licitas, são indispensaveis e fecundas. De hypothese em hypothese se chega a aferir a verdade.»

(Hist. da Civilisação Iberica — Introd.)

— Pois sim — replicará ainda o leitor. Se o mestre fosse vivo, elle é que devia ser ouvido sobre a Cava.

— E foi. Percebo que o leitor allude a Martins Sarmento. Cometi a ousadia de pedir-lhe a leitura de um exemplar que lhe ofereci. E leu e respondeu-me com uma carta de 11 paginas, sem ter havido previamente carta de recomendação ou de apresentação!

O meu respeito pelo homem subiu o dobro. Provou assim que sabia ser superior em tudo.

Essa carta (já prometida), que por vir da penna de quem veiu pode considerar-se no assumpto um documento historico, constituirá integralmente e de per si, artigo áparte no proximo numero.

Envio-a em original ao meu amigo Caetano Alberto, para que não se suspeite d'alguma modificação, por mais tenue que eu podesse fazer-lhe ao geito da minha opinião no caso presente. Ao contrario, embora o mestre não vá tambem pela tradicção, mas tambem não pela conjectura, como devia ser em quem tinha a responsabilidade do seu nome consagrado, dou assim a prova do meu respeito sagrado pelo morto.

*

Conforme o nosso velho costume em distracções literarias, vamos sempre consultando os mestres dos respectivos oficios, para elles generosamente nos dizerem o que pensam d'essas despretenciosas curiosidades, ou sejam de archeologia, ou de filologia, *tuti quanti*, emfim.

Aqui trata-se de tudo, graças a Nosso Senhor dos Ignorantes. Como d'este ponto de vista não temos responsabilidades no que dizemos .. somma e segue. Depois lá vem o mestre e então é aguentar e cara alegre. E quem não quizer assim, que se entretenha a jogar a bisca com a familia.

Ora, o que fizemos com Martins Sarmento sobre a archeologia da *Cava*, repetimos agora com o sr. Gonçalves Vianna ácerca da significação da palavra, tal como pretendemos investigar no artigo II.

O illustre filologo, já mestre consagrado n'este ramo d'estudo, não menos do que Martins Sarmento o era no seu, satisfez muito atenciósamente o nosso desejo em algumas linhas, pois que o assumpto não se prestava a mais.

E assim tivemos a fortuna de saber, que a etymologia vem confirmar a interpretação (das tres registadas por nós) que designámos como aquella que deve ser a adoptada no modo de entender a expressão locativa Cava de Viriato.

Eis o respectivo trecho da informação do sr. Gonçalves Vianna:

«A palavra *Cava* é sem duvida, o feminino do adjectivo latino *cavus-a um*, de que procedeu o francez *cave* e o portuguez vernaculo *cava*, e o adjectivo literario *cavo*, *cava*.

«O adjectivo latino (cavus) quer dizer «oco», e já em latim se substantivava no masculino, com suppressão do substantivo *locus*.

«Com *cavus* se relaciona *caverna*, *cavidade*, *concavo*, etc. e o verbo *cavare*, *abrir covas* (na terra, por ex.º); em portuguez *cavar*.

«As differentes accepções de *cava* em portuguez devem de ter sido evolução do sentido primitivo.

E termina este trecho esclarecendo:

«*Cova*, porem, nada tem que ver com este vocabulo, pois é o latim popular *copha*, masc. *cophus* (do que proveio *côvo*), induzido de *cophinus*, grego...»

Em apoio do que sobre a identificação d'estes dois nomes exposémos, permita nos o mestre, com o devido respeito e meramente como observação pessoal, digâmos: que, dada a tal ou qual equivalencia que existe no sentido dos dois termos, e dada egualmente a sua muita aproximação na grafia, não se nos afigura inadmissivel que, pelo decorrer dos tempos, os dois nomes, sem embargo da sua diversidade etymologica, se aproximassem tanto na accepção que d'ahi resultasse, não digo já synonimia authorisada, mas confusão vulgar e corrente.

HENRIQUE DAS NEVES

Exercicios dos alumnos da Escola Academica no Velodromo de Palhavan

Desperta sempre grande interesse em Lisboa os exercicios que os alumnos da Escola Academica, todos os annos realisam em publico, como provas finaes dos cursos de educação fisica, magnificamente ministrada neste estabelecimento de ensino.

Este anno o interesse do publico por esses exercicios, que são ao mesmo tempo uma agradavel diversão de *sport*, foi maior, pois que se realisavam no Velodromo de Palhavan, em campo vasto e ao ar livre, o que seguramente aumentava os atrativos da festa.

De facto, assim sucedeu. Raras vezes no Velodromo se viu tão grande concorrencia de espectadores, na maioria familias dos alumnos, que ali afluiram por amavel convite do sr. dr. Jayme Mauperrin Santos, proprietario e director da Escola Academica, incansavel em promover todos os progressos de ensino nesta casa de educação, cuja fama vem de longa data.

Honraram a festa com a sua presença Suas Magestades El-Rei D. Carlos, Rainha Senhora D. Amelia, e Suas Altezas Senhores Infantes D. Affonso e D. Manuel, que ocupavam a tribuna real.

A *élite* da sociedade lisbonense enchia os camarotes, cadeiras e bancadas, estendendo-se ainda á pista algumas filas de cadeiras suplementares. Animado e lindo o aspéto do Velodromo, sobresaindo as senhoras com sua formosura e alegres *toilettes* de verão de côres claras e variadas.

Para que a festa fosse toda de mocidade, a guarda de honra a Suas Magestades era dos alumnos do Collegio Militar, que formava á entrada do Velodromo. Assistiram tambem os alumnos da Casa Pia, que deram principio ao espétaculo, desfilando, com muita firmesa, pela frente da tribuna real, seguindo-se os alumnos da Escola Academica, em traje proprio de exercicio, calças de brim e camisolas de malha listradas de azul e branco. Estes alumnos eram commandados pelos professores srs. Walter Awata e Dario Cannas.

Os exercicios constaram de gimnastica suéca, movimentos elementares; esgrima de florete, cumprimentos e assaltos; corridas pedestres de 100 metros; patinagem, exercicios e quadrilha; corridas em patins; jogos de pau, cumprimentos e assaltos; luta de tração entre internos e externos; equitação; continencia final ao som do himno da escola.

Nestes exercicios evidenciou se o bom aproveitamento dos alumnos, assim como seu magnifico aspéto fisico, provando bem as vantagens da educação fisica, quando dirigida segundo as boas regras por professores competentes.

A festa no Velodromo foi mais um triunfo para a Escola Academica, pelo qual felicitamos tanto o seu digno dirétor sr. dr. Mauperrin Santos, como os alumnos e suas familias, que darão por bem empregados todos os sacrificios que façam para bem educar seus filhos.

Casa premiada com o premio Valmôr

ARQUITETO SR. VENTURA TERRA

Pela segunda vez ao sr. Ventura Terra é conferido o premio Valmôr, instituido pelo benemerito visconde deste titulo, para o arquiteto e proprietario da construção mais artistica feita em Lisboa, em cada anno, classificada por um juri nomeado pela camara municipal.

A primeira vez que o sr. Ventura Terra alcançou este premio foi ha tres annos, conferido pelo juri á sua casa da rua Alexandre Herculano.

Agora o premio conferido ao sr. Ventura Terra é por uma casa construida na Avenida Ressano Garcia fazendo esquina para a rua Visconde Val-

Exercicios dos alumnos da Escola Academica no Velodromo de Palhavan

môr, de que é autor do projéto, sendo o predio da sr.ª viscondessa de Valmôr.

A casa premiada é de construção elegante e ao mesmo tempo severa na simplicidade de suas linhas e decorações. Sem que rigorosamente se possa determinar o estilo arquitetonico, encontram-se nella as linhas dominantes do estilo do seu autor, marcando a individualidade do artista, afirmada em outros projétos de sua lavra, e que lhe permitem já um logar verdadeiramente distinto entre os arquitetos portuguêses.

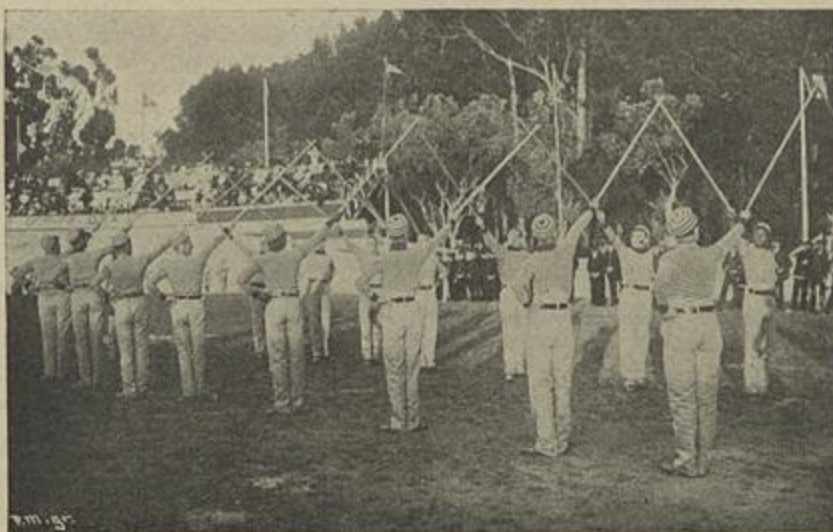
A gravura que acompanha estas linhas melhor deixa apreciar o que fica dito.

A casa tem pela frente um jardim, o que lhe dá agradavel aspéto tanto para quem de fóra a vê, como para o morador, que assim tem sob seus olhos esse jardim, de qualquer janela a que chegue do angulo em que está edificada a casa.

Nesta magnifica vivenda mora o sr. Lucius, primeiro secretario da legação allemã em Lisboa.

Felicitando o talentoso artista por mais esta distinção conferida ao seu reconhecido merito, estamos certos que mais ocasiões teremos de nos referir a obras suas, dada a grande operosidade e vigor de faculdades creadoras do sr. Ventura Terra.

Jogo de pau

Em marcha

A Regata do Real Club Naval no Canal da Azambuja

A regata realisada pelo Real Club Naval, no domingo 9 do corrente, no Canal da Azambuja, teve o duplo atrativo das festas deste genero e a do local extremamente pitoresco em que se eféctuou.

O canal ou valla, que do Tejo dá acesso á Villa da Azambuja, é dos pontos mais lindos do Ribatejo. Ali a paisagem é fresca, espelhando-se nas aguas do canal o frondoso arvoredo que o orla, na sua maioria lindos álamos de boa sombra.

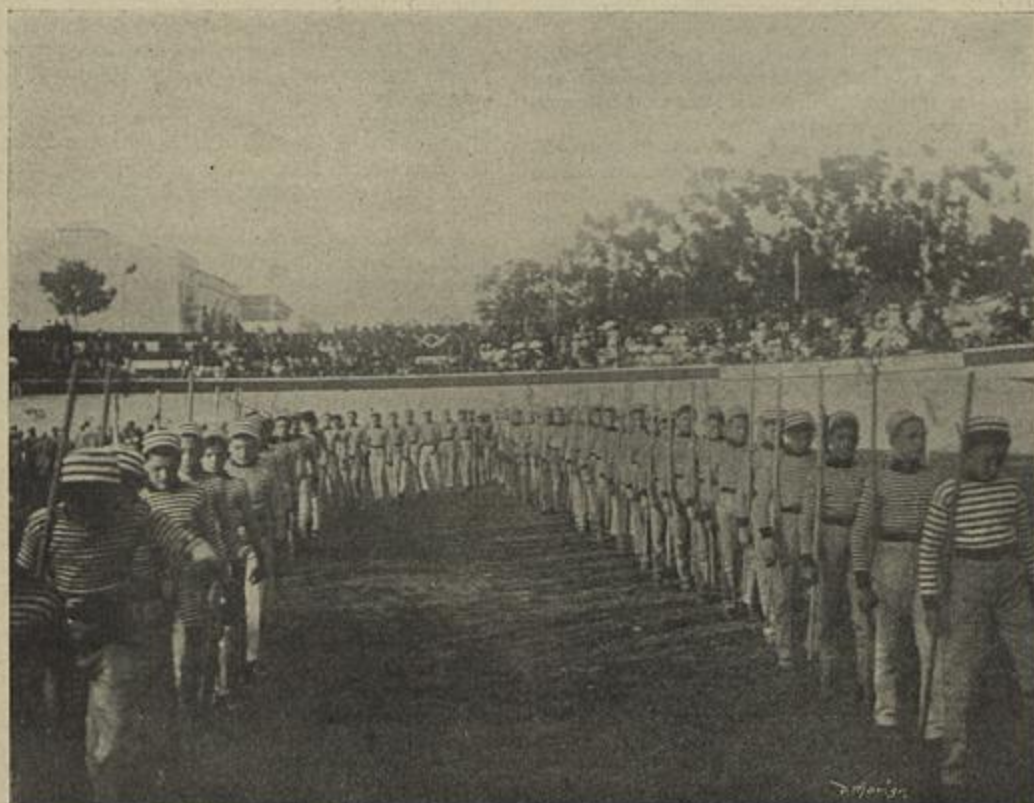
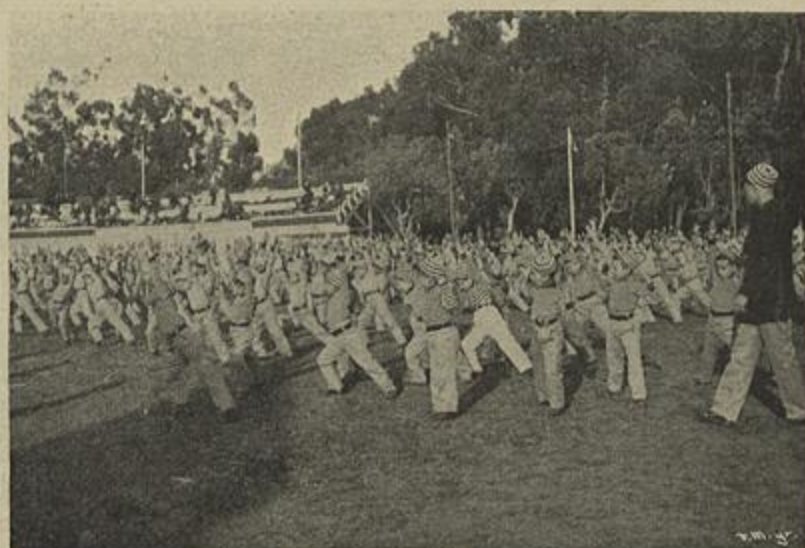
Foi bem escolhido o logar para mais aprazivel tornar a festa, que a todos deixou agradavel recordação, a principiar pelo passeio no rio a bordo do vapor *D. Augusto*, que condusio os socios do Real Club Naval, suas familias e grande numero de convidados, até ás ultimas corridas de barcos, no pitoresco canal, que animaram sempre as pessoas que assistiram a esta diversão.

Quando o *D. Augusto* chegou ao ponto de desembarque logo o cercaram varios botes que conduziram para terra os excursionistas, recebidos com foguetes e grande entusiasmo das pessoas que os esperavam.

Pouco depois principiaram as corridas que duraram umas duas horas.

1.ª corrida — Out-Riggers

D. CARLOS

Guilherme Salgado, Carlos Shirley, Guilherme Shirley, Lino dos Reis, timoneiro João Anjos.

Patinagem

Ginastica sueca elementar

(Clichés Benoliel)

A Casa premiada com o premio Valmor
Projéto do sr. Ventura Terra

D. AMELIA

Francisco Santos, Eugenio Santos, Claudio de Oliveira, Eduardo Penaguião, timoneiro José Mendonça.
Ganhou a *D. Carlos*.

2.ª corrida — Guigas

BRANCA

Fronteira, Nascimento Santos, André Correia, Ribeiro da Silva, timoneiro Dias Costa.

MONDEGO

A. Ferreira, A. Magalhães, C. B., F. Rocha Leão, timoneiro José Manuel Mendes.
Esta corrida foi ganha pela *Mondego*.

3.ª corrida — Out-Riggers

D. CARLOS

C. Penaguião, Rogerio d'Almeida, Rocha Leão, Antonio Couto, timoneiro José Winttermantel.

D. AMELIA

J. Mendonça, Xavier de Brito, Armando Frade, Guerreiro Ferro, timoneiro João Gimenez.
Ganhou a *D. Amelia*.

4.ª corrida — Guigas

BRANCA

Orlando Caldeira, A. Santos, J. Rato, J. Barata timoneiro Manuel Vasques.

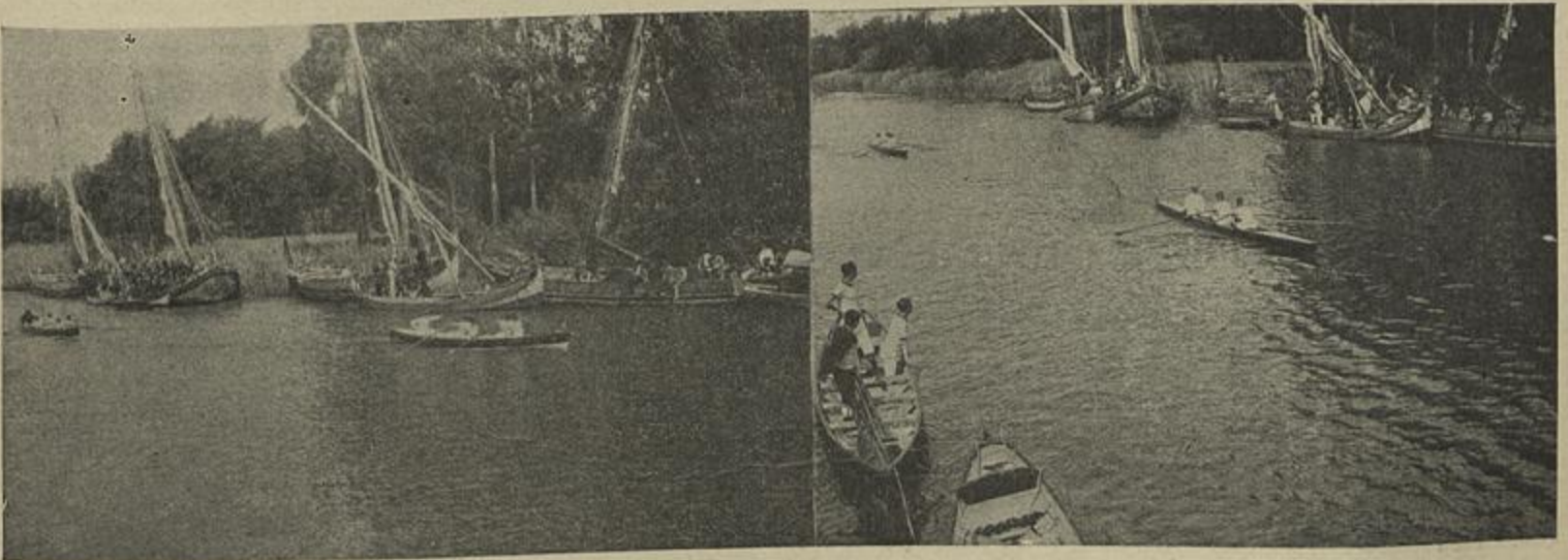
MONDEGO

Carlos Marrafa, Froes Nery, Antonio Marcelino, Mario Saragoça, timoneiro Hipacio Amado.
Ganhou a *Branca*.

5.ª corrida — Out-Riggers

D. CARLOS

Mario Leite, Antonio For-

Chegada do Vapor «D. Augusto» ao Canal da Azambuja

Aspétos das corridas — Out-Riggers e Guigas

A REGATA DO REAL CLUB NAVAL, NO CANAL DA AZAMBUJA

(Clichés Benoliel)

mosinho, Maximiano, Domingues, Carlos Correia, timoneiro Joaquim Fuschini.

D. AMELIA

Mario Sant'Anna, Ferro Meyer, J. Mascarenhas, Estevão da Silva, timoneiro D. José de Noronha. Ganhou esta ultima embarcação.

6.ª corrida — Pair Dars-Out-Riggers

ALICE

João Tito, Antonio Tito, timoneiro Vasco de Almeida.

AVE

Xavier de Brito, João Rocha, timoneiro Jacintho Esteves.

Com esta corrida terminou a regata, sendo vencedora a *Alice*.

No canal, além dos barcos que entraram na regata, viam-se vapores dos srs, Holbeche, Guilherme Ferreira Pinto, Eduardo e Fernando Pinto Basto e dr. Guilherme Brito Chaves. Alguns escaleres a vapor e outros barcos de vela completavam o formoso espétaculo, que apresentava motivos de lindos quadros de um misto de marinha e paisagem.

O Real Club Naval organisando estas diversões, merece todo o elogio, por que são ellas as que mais convém ao nosso povo, para que não perca suas tradições maritimas e progrida na arte nautica, que de tanta utilidade e gloria é para Portugal.

MÃES

I

Já viram e admiraram estas bonitas mulheres que não teem edade, os seus cabellos são brancos, mas as suas faces são frescas e os seus olhos brilhantes?

Palmyra era assim, e a sua physionomia continuava tão sorridente, tão graciósa, apesar dos seus setenta annos, que os seus cabellos pareciam empoados e não embranquecidos.

Mêsmo, afinal.

Setenta annos poucos annos são!

Uma noite de inverno, tinha fechado a sua pórta, e só, encerrada na sua pequenina sala do mais puro estylo Luis XVI, abrira a gavetinha de segrêdo de uma formosa secretaria de pau santo.

Tirava d'ahi as mil lembranças que uma bonita mul ;er pôude juntar na sua vida: lembranças sêccas... mas sempre perfumadas.

Palmyra, essa velha gentil, de olhos grandes, négros como a noite e fresca como um pastel de Latour bem conservado, dizia comsigo muitas vêzes:

— Envelhêço, posso morrêr. E' preciso queimar todas as minhas queridas reliquias! Que pensariam meus nétos se encontrassem tudo aquillo?

Depois, tinha sempre addiado essa hora de sacrificio, esse auto de fé de amôr, mas n'essa noite, emfim, appelára para toda a sua coragem. Muitas vêzes, n'uma excursão, cam nha-se, sem a menor hesitação, os olhos fitos na meta, como quem deseja depressa chegar; depois, quando se está quasi a chegár, repára-se que o mais bonito era a retiráda. Volta-se para tráz, e então apparece o bosque em que se descançou, o regáto onde se bebeu, o gran de prádo onde se colheram as flôres.

E a velhinha pensava agora assim, chegáda ao termo, voltava-se para a vida e recordava-se.

Sentindo o seu coração pulsar a cada novo achado, apresentava a si propria este grande ponto de interrogação:

— Qual amei eu mais?

Porque differentes nômes tinham feito palpitar o seu coração e as mais queridas reliquias do passado estavam ali dispersas e misturadas.

Encontrava versos n'um papel um pouco amarrotado e recordava-se então do seu primeiro amôr.

Um bello rapaz, esbelto como um pagem italiano, e um pouco poeta, amára-a loucamente. Tinha ella então desesseis annos. Que deliciósos sonhos! Tinham passado juntos o verão, no campo, em casa de uma familia conhecida e a naturêza radiante punha a sua aureóla florida no seu juvenil amor.

Elle, não ousando dizêr nada, escrevia de noite versos cheios de ternura, e ella, entretanto, encostada ao peitoril da janella, olhava para o Ceu, procurando a sua estrella por entre as mais brilhantes.

Uma manhã querendo gosár o brilho do sól radioso, que nascia, descêra ao jardim de madrugada.

Corrêra a vêr as suas roseiras predilectas e, como o seu namorado tivéra a mesma ideia, encontraram-se ambos em frente de um delicioso recanto. Elle puchára um grande résa-rainha, e, sem a escolher, arrancára-lhe as petalas e deitára-as sobre os cabellos d'ella — tão louros n'esse tempo! — e, escolhendo a mais vermêlha ao acaso, déra-lhe um beijo nos labios...

Ella fugira, toda confusa.

Elle partira n'esse mesmo dia e nunca mais se viram.

Mas que commoção! que embriaguez! este beijo tinha-a queimado! fizéra-a mulher, emfim!

II

Aos vinte annos viu um official muito nôvo; era galante, valente e decidido.

Foi o estalár do raio!

Ao primeiro olhar amaram-se, e, n'este estojo, essa miniatura rodeada de diamantes, recordava-lhe o louro tão macio do seu bigóde e a elegancia do seu côrpo.

Lembrava se ainda da sua alegria quando elle a desposára, do explendor do seu casamento ao ao meio-dia, em toda a gloria da lúz.

Oh! que dôces momentos, o d'este aniquilamento de si propria, por esse homem tão galante, valente e decidido.

Um pequeno botão de larangeira, envolvido em veu branco, ainda lhe estava ao canto da gaveta.

Como era bonita! Lembrava-se ainda do seu espelho em que ella se tornava a vêr branca, como seu rico vestido! Estava pallida... não! um poucachinho pallida, sómente... mas era tão feliz!

A felicidade, porem, fôra bem curta!

Dois annos depois seu marido, o seu pobre Guilherme, fallecia, deixando-lhe um filhinho no regaço.

III

Mas mettendo o braço até ao fundo da gaveta a encantadora velha estremecêra.

Encontrara um dentinho — ou antes uma perola — o primeiro dente do seu filho, o Mariosinho!...

Ah! que alegria á chegáda do querido pequenito, um anno depois do casamento!

E que felecidabe quando appareceu esse primeiro dente, que a mordêra de tal módo, que ainda tinha a cicatriz no seio!

Ah! o seu filho! o seu filho! e desatou a soluçar... a soluçar, n'uma dôr que ella procurava soffucar, impotentemente. . E comtudo tem o, o seu filho é um homem, é o seu orgulho, a alegria, o seu unico amor, que nunca a illudiu, porque o amôr de mãe dá-se, sem esperança de recompensa...

E pegando em tudo que tinha a pequenina gaveta, deitou tudo no fogão.

A chamma que se extinguia soltou do brazeiro e durante um segundo lançou um vivo clarão.

Depois sem a sombra d'um pezár sôbre a sua fronte pura, a velha Palmyra não tornou a meter na gaveta senão o dente do seu filho e as cartas de seu marido.

MARIO DE SANTA RITA.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO VIII

SUMARIO

Descreve-se a igreja do noviciado — São enumeradas as capélas do templo e esboçam-se algumas biografias dos seus instituidores — Citam se os apontamentos de José Valentim e o livro de Gonzaga Pereira — Uma lapide que escapou ao incendio de 1843 — Onde está actualmente o tumulo dos fundadores — Incuria, desleixo ou dificuldades tolas da burocracia — Projecta-se remover o mausoleo — Bradam no deserto os srs. Sousa Viterbo e Mena Junior — Alguns quadros notaveis da Igreja — Vem á bálha o irmão pintor Domingos da Cunha — Alguns dados biográficos do grande artista — Sua tempestuosa mocidade — Celebridade das suas telas — O painel de S. Francisco de Assis — Conta-se a historia milagrosa de um S. Francisco Xavier — Um retrato de el-rei D. João 4.º — Os quadros da Lapa — A tela da pastorinha Joanna — Fala-se da cêrca da casa de provação — A falta frequente de agua na propriedade — Refere-se um milagre — A capela da infanta D. Catharina — Noticiam-se frequentes visitas das pessoas reaes ao noviciado — A reportagem de 1717 — O pucaro de agua.

Vamos agora falar da igreja da casa de provação, auxiliados pelo mesmo narrador a cuja loquacidade temos devido grande parte destas noticias.

O templo tinha a forma de cruz e era de uma só náve. Ao todo possuia nove capelas, incluindo a capéla-mór. Esta era consagrada a Nossa Senhora da Assumpção, padroeira do noviciado. No seu altar havia um painel representando a Assumpção da Virgem assistida dos Apostolos, devido ao pincel de Domingos da Cunha, noviço da companhia.

A capéla-mór, que era lageada de marmores multicôres, tinha do lado da epistola uma tribuna para oração dos noviços e do lado do evangelho, sob um arco de cantaria, o tumulo dos fundadores.

O cruzeiro tinha duas capélas — a do lado do evangelho era dedicada á Senhora da Graça, imagem em vulto, de particular devoção de Domingos da Cunha — Tomára esta capella para sua sepultura Zacarias Agostinho da Rocha, conego da Sé, a qual tinha de renda 160:000 réis, no almoxarifado de Abrantes, com obrigação de três missas quotidianas por sua alma (1).

A do lado da epistola era consagrada a Christo crucificado e nella havia um retabulo com um painel feito por um religioso da casa, que bem podia ser Domingos da Cunha. Fôra fundada por D. Paulo de Menêses, que lhe deixou 60:000 reis de renda (2).

A meio da largura do cruzeiro abria-se uma porta que dava passagem para a sacristia, fronteira a outra porta que comunicava com o claustro da portaria. Sobre ellas, e ocupando quasi toda a largura delle, havia duas tribunas gradeadas para os noviços ouvirem missa.

Uma grade de madeira, assente sobre alguns degraus, separava o cruzeiro do corpo da igreja — Nesta parte do templo eram seis as capélas, três de cada lado.

A primeira do lado da epistola, vindo do cruzeiro, era a de S. João Baptista.

Dos apontamentos de José Valentim, feitos em seguida ao incendio de 1843 e transcritos pelo sr. Visconde de Castilho, no volume 5.º da *Lisboa Antiga* (paginas 41 e seguintes) deduz se ter tido esta capéla um painel grande sobre o altar e mais dois, de menores dimensões, um de cada lado. Nella ardia sempre uma lampada, conforme o legado do seu fundador que fôra João Vieira Matoso, rico português, natural de Tanger — Os bens desta capéla, que eram vinculados, herdou-os seu filho primogénito Francisco Vieira Matoso, que ali foi sepultado, falecido com 74 annos, em 22 de março de 1731 depois de ter servido com distincção nas campanhas do Alemtejo (3). Era irmão do Brigadeiro Ignacio Vieira Matoso, dono de uma quinta no Campo Pequeno onde costumavam ir a divertir-se a Rainha e os Infantes, (4) e de Manuel Vieira Matoso, familiar do Santo Oficio, morador que foi em Gôa (5).

A segunda capéla não vém mencionada no manuscripto, assim como a terceira, parecendo por isso que ainda estavam por erigir ao tempo em que elle foi feito, (6) porém os já citados apontamentos de José Valentim dizem-nos ser aquella da invocação de S. Francisco Xavier, com uma imagem de pedra do santo e duas mais pequenas, em uns nichos lateraes, e a outra conter um relicario atrás do retábulo (7).

Nos apontamentos que acompanham os desenhos do livro de Luiz Gonzaga Pereira, são as capélas simplesmente enumeradas quanto a sua quantidade e situação, de modo que se torna im possivel apurar as suas invocações e outras particularidades de seguro interesse que ilucidariam de certo a descripção do templo.

Do lado do evangelho a primeira, vindo do cruzeiro, era da invocação de S. Luiz Gonzaga. Fôra erécta por Luis Correia da Paz, muito devóto da quelle santo, seu patrôno. A creação da capéla dáta de 3 de junho de 1766 e della foram administradores os padres do colegio, a quem o fundador deixára uma quinta em Caparica e 60.000 rs. de juro em uma das casas que possuia na rua dos Ourives.

(1) Livro das rendas da casa do noviciado — maço 10 — Coleção da Torre do Tombo.

A c pela era priviligiada por um breve apostolico de 1718.

(2) Manso de Lima, no seu nobiliario, apenas cita um Menêses com este nome proprio — dá-o como filho bastardo do viso rei da India D. Diogo de Merêses — Casou elle com D. Isabel Henriques, filha de Manuel de Miranda, de quem não teve geração, havendo entretanto uma filha bastarda, D. Mariana de Menêses, que veio a casar com Gaspar Ribeiro, creado da casa Sabugal.

(3) Gazêta de Lisboa de 1 de abril de 1731.

(4) Idem de 12 de abril do mesmo anno.

(5) Habilitações para familiares do Santo Officio de Manuel e Francisco Vieira Matoso, naturaes de Tanger, filhos do instituidor João Vieira Matoso e de sua mulher D. Madalena de Almeida — Maço 18, documento 499 — Torre do Tombo.

(6) Segundo um apontamento que tem no anterosto. feito pelo sr. Visconde de Castilho, o livro foi escripto entre os annos de 1705 e 1707.

(7) Lisboa antiga — Volume 5.º — Paginas 63.

Este Luis Correia da Paz, era filho de Fernão Correia da Silva e de sua mulher Branca da Paz da Silva, filha de outra do mesmo nome e de Rui Telles da Silva. Por seu pae era neto de Diogo Correia e de sua mulher Isabel de Cerqueira, moradores em Santarem e bisneto de Fernão Correia, que viveu nesta mesma cidade, com tratamento de nobreza, em tempo de el rei D. Manuel. Luiz Correia morou em Lisboa a S. Sebastião da Pedreira, em cuja freguezia casou com Guiomar Roiz de Sousa, de quem teve duas filhas e um filho. Daquellas, uma foi freira em Santa Mónica e outra, Brites da Paz, casou duas vezes não tendo sucessão de ambos os matrimonios. O filho que se chamou Luis Correia de Sousa, morreu em 1665 e foi enterrado na capella de seu pae (1).

Nesta capéla existia, embebida na parede, a seguinte lapide: (2)

> Á EXALTAÇÃO DE CHRISTO DEDICADA ESTA CAPELLA AO B. LVIS GONZAGA POR LVIZ COR REIA Q. A COMPROV A ESTE COLLEGIO PARA SEV JAZIGO E DE TODOS OS DESCENDENTES E AS CENDENTES DE SEV PAI FER NÃO CORREIA E SVA MAI BRANCA D PAZ E IAS NELLA SEV FILHO LU IS CORREIA DE SOUSA Q FALECEV A 21 DE ABRIL DE 1665

A Luis Correia foi passada, a 23 de fevereiro de 1639, carta de brazão de armas, com as armas dos Correias, Cerqueiras, Silvas e Pazes, havendo provado toda a sua ascendencia no juizo do civel da côrte e testemunhado proceder do tronco dos verdadeiros Correias do Méstre dos Templarios, Paio Peres Correia. Sanches de Baena, no seu Arquivo Heráldico não a menciona. E' possivel que fosse uma das que se perdeu.

Voltemos á igreja.

A segunda capéla da lado do evangelho foi mandada construir pela rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, em honra de Nossa Senhora da Conceição. Toda ella era feita de precioso marmore e a imagem da Senhora era de madeira, obra de José de Almeida, esculptor portuguès que viveu no seculo XVIII. E' pelo menos esta, a opinião de Cirillo Volckmar Machado (3). E' a que hoje está em S. Mamede e que para ali foi transportada depois do incendio de 1843.

A terceira capéla deste lado do templo não vem citada no manuscripto que vou seguindo e José Valentim em 1843 não reparou nella (4). Seria tambem destinada somente para relicario, como a que lhe ficava fronteira?

O tumulo dos fundadores, depois do desastroso sinistro que destruiu o edificio, foi removido para uns barracões existentes em uma das dependencias da actual Escola Politechnica. Ahi se conservava em outubro de 1903 e ahi, creio eu, se conserva ainda hoje ao abandono, apeado dos elefantes em cujo dorso se apoia, por não caber em altura no barracão. Fazem-lhe companhia alguns destróços da igreja, tróços de colunas e de capiteis, pedaços de imagens e entulho que farte.

Para eu lá entrar foi preciso rasgar primeiro, com a bengala, um veo espesso de teias de aranha sexagenarias que obstruiam a entrada. Coisas nossas!

Algumas diligencias se teem feito entretanto para remover daquelle esconso o tumulo de Fernão Telles de Menéses, mas até hoje nada se tem conseguido, como costume. Em sessão da assembleia geral da Real Associação dos Arquitétos e Arqueólogos Portuguêses, de 25 de maio de 1899, lembrou o dr. Sousa Viterbo que se solicitasse ao director da Escola a necessaria licença para se transportar para o museu da associação o mausoleu do fundador do noviciado. Ignoro se se chegou a oficiar áquella entidade; o que é certo é que ainda hoje tudo está como dantes, apesar da apresentação de outro projecto para o mesmo fim, em sessão de 4 de dezembro de 1905, pelo seu prestimôso socio e meu ilustre amigo, o sr. Antonio Cesar Mena Junior.

O mansoleu lá está, porco, despresado e invevelecido, á espera talvez de outro incendio, mais compadecido e providencial, que o destrua de vez.

*

Entre as diferentes obras de arte que se notavam ne templo, aponta Cirillo Volckmar Machado, as seguintes: (1)

1.º — Um painel representando Nossa Senhora dando as chaves a S. Pedro, pintado por Manuel José Gonçalves.

O autor das *Memorias* elogia-o muito;

2.º — Outro painel representando S. Pedro e S. Paulo, do pincel do famoso André Gonçalves, a quem Cirillo atribue tambem outro quadro da conversão deste ultimo apóstolo;

Luiz Gonzaga Pereira (2) noticia ainda que, na porta de um oratório existente na sacristia, estavam dois quadros pintados por grão Vasco (sic!), um representando o baptismo de Jesus Christo e outro o seu nascimento. (3)

Todos os altares, diz o mesmo, escrevendo em 1840, são ornados de quadros e ha em todos os retabulos um oculo com pintura, e acrescenta: *porem são pinturas antigas e pelo que se observa não são de grande auctor.*

O tecto da igreja era de aboboda, gessado, e com algumas pinturas de Luis Gonçalves. (4)

Nas capélas interiores do noviciado existiam, como já ficou dito, muitas télas de Domingos da Cunha. Como já ficaram ennunciadas com a possivel minuciosidade, escusa-me isso agora nova citação, dando logar a que eu apresente aos leitores o irmão pintor, fecundissimo artista que floresceu no primeiro quartel do seculo XVIII.

*

Domingos da Cunha nascera de humilde condição. Foram seus paes Gregorio Antunes e Margarida Pereira e foi sua terra natal esta bella cidade de Lisboa. Aqui veio ao mundo o moço artista no anno de 1598. (5)

Animados talvez pela ideia de fazerem delle um futuro missionario mandaram-no educar os seus progenitores, mas em breve Domingos da Cunha se manifestou bem contrario a taes desejos aplicando-se pouco aos estudos e consumindo o tempo da leitura dos livros a ensaiar sobre o papel as primeiras manifestações da sua bóssa artistica.

Gregorio Antunes, sabendo isto e não querendo torcer a vocação filial, tirou-o das aulas de letras que então frequentava e onde conseguira apenas granjear a alcunha do *Cabrinha*, (6) e mandou-lhe ensinar os primeiros rudimentos de debuxo.

Acabados estes preparatórios, com que elle muito aproveitou, partiu para Madrid. Ahi deu lições com Eugenio Cajez, pintor de el-rei catholico Filipe 2.º, que o iniciou nos segredos da pintura.

Domingos da Cunha soube depois honrar o mestre e, voltando a Lisboa, em breve alcançou grande reputação e popularidade. Eram procuradissimas as suas telas, com especialidade os retratos *que os fazia mui naturaes*, conforme diz o padre Antonio Franco, acrescentando ainda *que não havia fidalgo que não procurasse ter nas suas salas e galerias pintura de sua mão.* (7)

A procura dos seus quadros e a grande conta em que era tido grangearam-lhe bastos lucros, logo desperdiçados em tunantarias e estroinices, de sociedade com muitos amigos que tinha e que logo lhe apareceram aos cardumes atraidos pela mão liberal que semeava dobrões de bello oiro portuguès!

Alguns annos passou o desasizado moço em libertagens, curveteando ginetes de ráça nas mal calçadas ruas alfacinhas, frequentando casas de jogo, pompeando louçainhas de vestuario e faceis conquistas de coração, até que o arrependimento o tocou e, abandonando aquella agitada e aventurosa existencia, entrou como noviço para a Companhia de Jesus, depois de muitas tentativas similhantes, sempre goradas á hora fatál da resolução.

(Continua.)

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

(1) Nobiliario Manuscrito de Rangel de Macedo — Faz parte da chamada coleção pombalina da Bibliotéca Nacional.

(2) Esta lápide está, juntamente com o mausoleo do fundador, n'um barracão, existente em um dos pateos interiores da Escola Politechnica.

(3) Memorias de Cirillo Volkemar Machado — Vide — José de Almeida.

(4) Lisboa antiga — Quinto volume já citado.

(1) *Memorias* já citadas.

(2) Descripção das Igrejas e Monumentos sacros de Lisbôa — Mss. da B. Nacional.

(3) E' bom referir que as informações deste autor não merecem muita confiança — Deste templo diz elle muitas noticias pouco exátas.

(4) Citada *Descripção das Igrejas e Monumentos* etc.

(5) Lista de algmns artistas portuguêses pelc bispo conde D. Frei Francisco de S. Luiz.

(6) *Por suas achinadas feições e palidas côres*, explica Jorge Cardoso no seu Agiologio Luzitano, paginas 297

(7) Idem.

O MEZ METEOROLOGICO

Maio de 1907

Barometro. — Maxima altura 767mm,3 em 1.
» — Minima » 750mm,9 em 22.

Thermometro. — Maxima » 25º,9 em 3.
» — Minima » 8,2 em 6.

Foi este um dos mezes de Maio, mais frios d'estes ultimos annos. A minima de 8º,2 é baixa.

Em 5, a minima foi de 8º,5, e a maxima em 6, de 13º,7 (temperatura media d'este dia 10º,72).

Chuva. — 155mm,0 em 17 dias.

Durante o mez, houve chuvas torrenciaes e o mau tempo manteve-se quasi constante. A altura pluvioetrica é de mnito, superior á normal.

Vento dominante. — SW.

Nebulosidade. — Ceu limpo ou algumas nuvens 8 dias.
— Nublado 22 dias.
— Encoberto 1 dia.

Relampagos em 12 e trovoada forte em 4.

Halos. — Em 20, 27 e 30.

Hygrometro. — Maxima 100 em 11.
» — Minima 24 em 2.

IGNEZ D'HORTA

POR

Faustino Xavier de Novaes

(Comedia semi trágica em 5 actos)

Do ilustre portuguez, principe da poesia satirica deu a lume, editorada pela livraria Viuva Tavares Cardoso, o notavel e estudioso investigador Visconde de Sanches de Frias a obra inédita em verso *Ignez d'Horta*, que prefaciou com sujestiva linguagem vernacula e acompanhou juntando-lhe uma preciosa biografia, recheiada de curiosissimas noticias.

Faustino Xavier de Novaes, natural do Porto, fi ho do ourives Antonio Luiz de Novaes, perceb eu-se inclinado por vocação ás lêtras rimadas e iniciou-se no campo da sátira de modo a adquirir fama desde logo.

A vida comercial nunca lhe sorriu, e foi sempre a imprensa a deusa do seu amor e da sua paixão.

Amigo intimo de Camillo e de todos os verdadeiros mestres pela penna, fugia-lhe o destino do balcão e do escritorio comercial para a colaboração em jornaes da epoca, onde publicou folhetins sob pseudónimo.

Em 1858, Novaes, embarcou para a America do Sul.

«A mordacidade dos versos cáusticos, escreve Sanches de Frias, atirados, ás claras e de chofre, á corcova borbulhosa, ôca, lazarenta de alguns figurões do Porto, creou-lhe, entretanto, profundas antipatias e até inimisades, apesar da sua grande popularidade; e os embaraços do lar doméstico, a que faltavam os proventos de um emprêgo, superiôr ao que tinha, fizeram-lhe lembrar a expatriação pâra o Brasil, onde ecoava, lisongeira e afortunada, a aura invejavel dos seus ruidosos escritos, em que figurava, como elemento principal, a 2.ª edição do seu livro de poesias, feita em 1856, cuja avultada tiragem de uns poucos de milhares de volumes se espalhara largamente pelas dilatadas regiões de Santa Cruz.»

Foi êle bem recebido na patria irman da nossa, dirigindo-lhe o grande poeta brasileiro, Casimiro de Abreu, uma saudação que termina assim:

«Bem vindo, bem vindo sejas,
«a estas praias brasileiras!
«Na patria das bananeiras
«as glorias não são de mais!
«Bem vindo, ó filho do Douro!
«A terra das harmonias,
«que tem Magalhães e Dias,
«bem pode saudar Novaes.

Estabeleceu se com «loja de livros e papelaria» aquêle de quem Castilho, um dos imortaes do triumvirato das lêtras portuguezas, escreveu

isto: «o capitulo de Novaes, na historia literaria de Portugal, tem de eclipsar o de Talentino.»

E, com effeito, não se enganou o cego luz da educação infantil, Novaes, infeliz no negocio e desventuroso no lar, cresceu *como poeta inimitavel, excedendo a outros astros de brilhante fulgôr nos ceos da rima.*

*Encontrou o poeta carinhoso abrigo na estima de*votada da Baronesa de Taquary e de sua filha D. Rita de Cássia Rodrigues, senhoras que o protejêram e admiraram.

Não resistiu, porem, Novaes aos desgostos e contrariedades da existencia, falecendo em 16 de agosto de 1869, na capital do Brasil na idade de 49 annos.

No cemiterio de S. João Batista, do Rio de Janeiro, ergue-se um monumento que guarda os restos mortaes do poeta e que foi inaugurado após um ano do seu passamento.

A gratidão de Novaes á pessoa de seus progenitores foi um testemunho do seu amor filial; e bem assim, foi grato a todos os individuos que lhe provaram simpatia.

Ignez d'Horta, produção de Novaes que acabo de lêr, abrange 100 paginas do volume agora dado á estampa, e póde afoitamente afirmar-se plena de mérito real no genero conceituoso moralmente falando.

Ahi aparecem as impagaveis figuras duma padeira, a Ignez do titulo, dum sarjento de milicias, dum Tiburcio, capitão-mór de Bostêllo, pae do sarjento, duns alcaides velhacos e maus, etc., etc., que demonstram o poeta perfeito interpretador da comedia da vida e filosofo de muito apreço.

Todo o volume aludido, formando um texto de 267 paginas, agrada, encanta e instrue o leitor, ao qual ahi se *patentêa a formosa lingua de Camões e de Vieira, sem mancha de casta alguma.*

*Sanches de Frias conta no fecho do seu primoroso tra*balho, ilustrado com tres retratos e a estampa do monumento no cemiterio, sendo aquêles o de Novaes e das duas senhoras que o acolheram conta, repito, que, havendo solicitado informações ao nosso ministro e ao secretario da Legação, no intuito escrupuloso de melhor esclarecer o seu trabalho consagrado a um portuguez, falecido no Brasil, não obteve resposta de nenhum de taes funcionarios!

São estas as suas ultimas frases, encerrando o texto e aludindo ao caso, deveras inexplicavel pelo menos na aparencia:

«Da indelicadeza, com que fômos depreciativamente tratados pela Legação Portugueza, consola-nos a ideia axiomática de que, quando os corpos, nome e prosápia dos dois figuraços, cuja graça já nos esqueceu, estiverem reduzidos a pó, terra, cinza e nada, ainda viverão fulgurantes, prevalecendo futuro dentro, o nome e lêtras de Faustino Xavier de Novaes.»

Daqui aplaudo o Visconde de Sanches de Frias pelo serviço prestado á literatura nacional com a publicação da obra *Ignez d'Horta.*

D. Francisco de Noronha.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES
AUTOR DA «IGNEZ D'HORTA»